

RABISCO

REVISTA DE
CULTURA POP

rabisco@rabisco.com.br

3 a 16 de novembro de 2003

equipe | discussão | edições anteriores

Edição 29

OS SERTÕES NO TEATRO

Em montagem caudalosa sobre o homem brasileiro, Zé Celso expõe a ousadia de um eterno experimentalista

MÚSICA ENSOLARADA

Em seu disco de estréia, The Thrills prova que os irlandeses também podem fazer música divertida e descompromissada

RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM DELATOR

Gênio, revolucionário, indomável, traidor: as muitas faces de Elia Kazan

O DESABROCHAR DE UM TALENTO

Mesmo contracenando com grande elenco, Alison Lohman demonstra firmeza e domina o sensível *Deixe-me Viver*

DEZ ANOS ALÉM DO CIDADÃO KANE

Documentário sobre Roberto Marinho faz aniversário invadindo salas alternativas no dia pela democratização da mídia

VARIEDADE SINGULAR

Exposição reúne obras de arte de toda a carreira de Carlos Vergara e situa a complexidade de seu intenso trabalho

O HOMEM QUE INVENTOU A DITADURA

O líder gaúcho Júlio de Castilhos entrou para a história como o governante que conduziu a sociologia de Augusto Comte à prática política

#29: Quando Tom Cruise aprendeu uma expressão brasileiro-americana

#20: Cada ida a banca de jornal nos revela novas publicações e a falta de outras

#21: Um dos culpados pela babel de confusões envolvendo material publicado na Internet e seus autores pode ser o próprio internauta

#1: Em um tempo não muito distante, existiu um sítio chamado Caderno Zero

BUSCA

OK

Picosearch

MÚSICA ENSOLARADA

Em seu disco de estréia, The Thrills prova que os irlandeses também podem fazer música divertida e descompromissada

por Fabio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)

Bandas irlandesas são sinônimo de som pesado e politizado, certo? Errado. A banda **The Thrills** (que, se o mundo for justo, vai se transformar em sensação) joga areia nesse estereótipo e mostra que o sol também pode brilhar lá pelas praias da Irlanda. Bem, pelo menos para quem escutar o divertido e alegre *So Much for The City*, disco de estréia dos garotos. Garotos, sim, já que o quinteto não disfarça que montou a banda para fazer farra e se divertir, não mudar o mundo. E dá-lhe referências a bandas como Beach Boys, The Byrds, Grandaddy e mais outras tantas com melodias alegres e riffs saltitantes.



Mais e daí se os caras não são o cúmulo da autenticidade? O mais importante aqui é guardar a tristeza em um baú velho e se deixar embalar ao som das onze faixas, com direito a uma bonus track, desse álbum ensolarado. A primeira música, "Santa Cruz (You're Not That Far)" começa calminha e pode até enganar alguns, mas logo mostra a que veio com uma batida contagiante e um refrão pegajoso. E se você ainda não se deixou levar, espere até a próxima faixa, a ótima "Big Sur". A música é de longe a melhor do CD e faz qualquer um querer cantar feito uma criança (*Just don't go back to Big Sur / Hangin' around, lettin' your old man down / Just don't go back to Big Sur / Baby baby please don't go*). Os arranjos e a voz no tom certo do vocalista Conor Deasy marcam o ritmo.



"Don't Steal Our Sun" vai seguindo a mesma linha, deixando o álbum com um ar de trilha sonora, perfeito para uma festa na praia regada a muita cerveja e amigos. "Deckchairs &



“Cigarettes” baixa um pouco a bola, começa com um pianinho sem impacto e Deasy praticamente sussurrando a letra da música. A faixa acaba destoando um pouco do conjunto, além de ser mais calminha é uma das mais longas, quase cinco minutos. Mas nada que estrague a diversão, principalmente porque a próxima faixa, “One Horse Town”, devolve ao CD o tom de descontração. O início com uma espécie de órgão, o refrão e os arranjos meio bobinhos empolgam e deixam

aquela vontade de cantar mais uma vez.

“Old Friends, New Lovers” é um pouco mais calma, mas também não atrapalha. Já “Say It Ain’t So” é a mais rapidinha e retrô do CD. Aliás, todo o álbum mantém uma aura anos 60, meio descompromissada com tudo. As músicas vão fluindo de forma espontânea, sem muitos recursos tecnológicos aparentes. E talvez essa seja a grande sacada da banda: tocar de forma profissional, mas sem querer provar nada a ninguém.

A oitava faixa, “Hollywood Kids”, é mais uma derrapada do CD. Além de longa e lenta, os arranjos são chatinhos e a voz de Deasy ecoa desanimada, sem muita vontade. É nessas horas que a gente percebe que a banda é boa mesmo em fazer baladas grudentas e rápidas. Pretensão não combina nem um pouco com o estilo ou com a música que os caras se propõem a fazer. Contudo, a próxima faixa compensa os escorregões. Com um início meio chupado do Gradaddy (“AM 180”), “Just Travelling Through” é singela sem ser chata, melancólica sem ser deprê e, mais uma vez, Deasy acerta nos vocais e a banda na melodia.

“Your Love is Like Las Vegas” segue sem compromisso preparando o terreno para “Til The Tide Creeps In”, outra faixa que aposta em uma bela melodia e um vocal inspirado, e “Plans”, a indefectível faixa escondida que encerra o álbum quase à perfeição. O refrão é uma delícia e mais uma vez comprova o talento da banda para baladas fáceis (*Everybody’s got to have plans / She said / Everybody’s got to have plans / Cos I can’t see you smiling pumping gas*). Ok, a banda pode até não mudar a cara do rock ou mesmo entrar para a história da música, mas, com certeza, quem se arriscar a uma audição do álbum vai ter uma bela surpresa e pode chegar ao fim do CD com um sincero sorriso no rosto. No fim das contas, *So Much for The City* é o som perfeito para embalar um fim de semana perfeito. 🍷

